

# O Sacerdócio como vocação: Motivos de entrada no Seminário

EDUARDO DUQUE\* / CÍCERO ROBERTO PEREIRA\*\*

## Resumo

Analisamos as motivações que os seminaristas católicos em Portugal evocam como fatores importantes para a sua decisão de seguir o sacerdócio. Propusemos hipóteses de trabalho segundo as quais o discurso dos seminaristas poderia refletir tanto a influência de agentes clássicos de socialização religiosa, como a família e a comunidade paroquial, como elementos mais subjetivos relacionados com a ideia de vocação para o sacerdócio. Os resultados indicaram a presença desses fatores e mostraram que os motivos relacionados com a vocação sacerdotal e a vontade de servir a Deus e a Igreja aparecem como mais importantes do que a influência da família ou de outros significativos.

**Palavras-Chave:** Religião; sacerdócio; percursos de vida; modernidade; socialização.

## Abstract

We analyzed the motivations that Catholic seminarians in Portugal evoke as important factors for their decision to follow the priesthood. We proposed working hypotheses according to which the speech of seminarians could reflect both the influence of classical religious socialization, agents like family and the parish community, as

---

\* Faculdade de Filosofia e Ciências Sociais da Universidade Católica Portuguesa (Braga).

\*\* Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa.

well as more subjective elements related to the idea of a vocation to the priesthood. The results indicated the presence of these factors and showed that the reasons related to the priestly vocation and desire to serve God and the Church appear as more important than the influence of family or other reasons.

**Keywords:** Religion; Priesthood.

## **1. O sacerdócio como vocação: Motivos de entrada no seminário**

O que leva um jovem a optar pela vida num seminário católico? Esta questão pode ser enquadrada no problema mais geral sobre a importância da socialização e da sua função na escolha de percursos de vida. O pressuposto com base no qual a literatura nesse domínio aborda o problema é o de que a construção do percurso de uma pessoa é resultado da confluência de diferentes fatores. Do ponto de vista da perspectiva biográfica, cada pessoa integra uma sequência de acontecimentos cronologicamente normativos, com papéis devidamente estruturados por instituições sociais, que habitualmente funcionam como formadoras de sentido. Ora, assim se percebe que a identidade de uma pessoa é o resultado das suas interações e das influências sociais que, por sua vez, podem ser mais importantes na definição de quem somos do que propriamente os processos pessoais.

A este propósito Elder (1998) refere que as vidas são interdependentes e que as influências sociais e históricas manifestam-se e ganham significados através de relações partilhadas (Charbonneau, 2005). Deaux (2001), subscrevendo este mesmo raciocínio, acrescenta que a identidade deve ser entendida como algo subjetivo, o que não significa, segundo Dolfsma (1999), que seja algo individual, uma vez que é influenciada pelos valores socioculturais presentes num determinado momento histórico, realidade social que, para Ellemers (2002), pode ser a chave para a compreensão das escolhas dos percursos de vida e identidades individuais. De acordo com Dubar (2000), a identidade de cada sujeito é o resultado de duas dimensões que se conjugam dialeticamente entre si, articulando aspetos individuais, ou seja, a formação do conceito que o sujeito faz de si mesmo (projeto identitário) com aspetos estruturais, que são as representações que os outros constroem a respeito dele (identidade para o outro). Cada percurso de vida, sendo o resultado de uma construção social, rege-se por padrões formados a partir de fatores socioculturais. Estes incorporam-se e manifestam-se nas práticas, nos gostos e preferências presentes nas escolhas que as pessoas fazem em seu quotidiano.

Nas sociedades modernas, os padrões de vida e as biografias já não podem ser lidos como relatos lineares ou como vocações vitalícias. De fac-

to, atualmente as escolhas dos percursos de vida caracterizam-se por uma maior diversidade (Bourdon, 2009), a qual resulta de uma cultura que se encontra em constante transformação (Giddens, 2000) que, por sua vez, deriva de uma globalização que transmite novas ideias, valores e práticas, vinculadas às grandes mudanças que a modernidade fomentou (Giddens, 1992). Não obstante as mudanças constantes que caracterizam as sociedades contemporâneas, há padrões e itinerários que se diferenciam dos estilos mais correntes e comuns, entre eles está a opção pela vida religiosa.

Poucos estudos empíricos analisam de forma sistemática as questões que envolvem os seminaristas e a sua inserção nos seminários católicos, de um modo particular, em Portugal. As motivações para a escolha da vida sacerdotal é um objeto de estudo particularmente relevante para as Ciências Sociais na medida em que se está a assistir a um fenómeno particular entre a comunidade mais jovem, caracterizado pela competitividade, globalização, virtualização e a necessidade premente de novas aptidões.

Estes elementos característicos da sociedade globalizada devem adaptar-se à singularidade dos factos diferenciais culturais, pelo que, no dizer de Borja e Castells (1997), não-de assumir versões locais. Poder-se-ia, então, perguntar: quais as variantes locais das mudanças biográficas? Del Campo e colegas (Caldwell, Stiehr, Modell, e Del Campo, 1995), recorrendo ao seu modelo tipológico dos «três níveis de baixa fecundidade», evoca a nupcialidade, o divórcio e a fecundidade extraconjugal, como as variáveis das que dependem aqueles três níveis. Se a esta análise acrescentarmos a forma como hoje se organiza o emprego e as relações intergeracionais (Gil Calvo, 2001), temos como que uma radiografia da sociedade moderna. Urge, por isso, compreender os efeitos desses mesmos fenómenos entre os mais jovens, especialmente entre os que seguem a vocação sacerdotal que são o nosso objeto de estudo.

Os contextos particulares que marcam a sociedade atual são vividos e experimentados com uma intensidade muito peculiar pelo mundo dos jovens, com repercussões imediatas e incisivas sobre o seu futuro pessoal e educacional, situação que cria mudanças nas vocações sacerdotais. Os jovens, hoje, apresentam uma atitude na sociedade diferente da do passado, na medida em que têm a possibilidade de estudar até mais tarde e, conseqüentemente, assumirem responsabilidades familiares e profissionais também mais tarde, tornaram-se mais tolerantes às mudanças sociais (Cabral, 1998) e apresentam-se mais individualistas nas suas ações e posturas (Pais, 1990). Elster (1997), na sua teoria do *eu múltiplo*, acusa a sociedade moderna de desenvolver *eus sucessivos* que se vão desdobrando e fracionando ao longo da própria biografia, razão que conduz a um novo pluralismo pessoal.

Esta transição marca aquilo a que podemos chamar «desenvolvimento da cultura jovem» que, para além de adiarem por vários anos a sua entrada na vida profissional, revelam também um descomprometimento na sua participação

social e cívica, designadamente em associações locais (Pinto, 2005; Eurobarómetro, 2009).

Se analisarmos o comportamento dos portugueses nas últimas décadas, assistimos a dois processos antagónicos. Se por um lado se verifica algum aumento na sua participação em ações institucionais ligadas a vários aspetos da vida política, económica, profissional e sindical, por outro lado constata-se uma redução na sua inserção voluntária em diversas formas de participação social e cultural (Barreto, 2005), à qual os jovens portugueses não são alheios. A corroborar esta postura dos jovens portugueses dos 15 aos 29 anos perante a participação social e cívica estão os dados do *European Value Study* (EVS) que, entre 1990 e 2008, expressam um desinteresse pela vida associativa, já que, em 1990, 60% desses jovens afirmava não pertencer a qualquer associação, percentagem que aumenta significativamente em 2008, para 81% (Atitudes Sociais dos Portugueses, 2008). Esta mesma tendência também se verifica na ligação dos jovens ao voluntariado. Se em 1990 o descomprometimento com atividades voluntárias era assumido por 76% dos jovens, em 2008, passa para 84%.

Paralelamente a esta postura na sociedade, os jovens de hoje vivem um tempo de inseguranças e incertezas (Bindé, 2004). Planeiam o seu futuro a partir de expetativas sociais que muitas vezes não conseguem concretizar. «Os projetos de vida que os jovens idealizam abrem portas, por vezes, a um vazio temporal de enchimento adiado. Projetos em descoincidência com trajetos de vida» (Pais, 2001: 12). Por outro lado, o presente acumula várias oportunidades, de diferentes expetativas e desejos profissionais. Apesar das possibilidades de escolhas serem variadas, nem sempre os jovens conseguem alcançá-las, sobretudo porque

«as políticas da juventude tendem a estandardizar as transições dos jovens para a vida adulta – definindo escolaridades mínimas, circuitos escolares, formação profissionais, políticas de emprego – mas os jovens tendem a autonomizar as suas vidas através de buscas autónomas, de trajetórias que nem sempre se encaixam nas políticas prescritivas que tendem a estandardizar as transições» (Pais, 2001: 12).

Para além destes contextos, a sociedade moderna está fortemente marcada pela elevada taxa de desemprego, falta de trabalho, trabalho precário, fatores que dificultam aos jovens a obtenção de um emprego e de estabilidade pessoal e profissional que lhe permitiria edificar os projetos que, ao longo da sua juventude, arquitetaram. Realidade que provoca sentimentos de frustração, adiamento das tomadas de decisão e continuidade da dependência familiar.

Este sentimento experimentado pelos jovens é fruto de uma sociedade que se encontra representada em algumas instituições, entre elas destacam-se a escola e o emprego, para além da família, as quais representam uma espécie

de «portos» seguros no discurso dos jovens. A escola porque prevalece um discurso de que é importante «estudar para chegar longe», isto é, internalizaram a crença de que ela garante a construção de um projeto de vida e possibilita a sociabilidade. É também curiosa a forma como entendem as questões do emprego, pois, tendo em conta a representação que possuem de que a «sociedade funciona», assentaria neles a responsabilidade de não conseguir lugar no mercado de trabalho (Cabral, 1998).

Por outro lado, a família surge como um reforço, um escape financeiro, afetivo e simbólico que, de forma muito específica, continua a acolher e a apoiar os seus elementos jovens, naquilo que já se convencionou chamar «prolongamento da juventude» (Galland, 1991, 2003; Wagner, 2001) como fase de vida frequentemente associada às dificuldades de transição e de independência (Wallace e Kovatcheva, 1998).

Toda esta conjuntura social que envolve os mais jovens levam-nos a formular algumas questões sobre o que move, nos dias de hoje, um jovem a encontrar no seminário e, conseqüentemente, na vida sacerdotal, um caminho de realização pessoal e vocacional. Esta questão é pertinente, pois, se analisarmos a relação da *população jovem* portuguesa nas últimas três décadas com idade entre 15 e 29 anos e a sua *prática religiosa* rapidamente se conclui que os jovens têm vindo a desvincular-se da vida religiosa institucional. Segundo o inquérito EVS de 1990 e 2008, há uma descida, ainda que não muito expressiva, dos que se dizem *praticantes regulares*<sup>1</sup>, uma vez que, em 1990, estes representavam 24% dos jovens e, em 2008, esta percentagem baixa para 20%, diferença que se projeta no aumento daqueles que se dizem *não praticantes*, já que, em 1990, eram 29%, e, em 2008, 34%.

#### Percentagens

	1990 (N: 401)	1999 (N: 245)	2008 (N: 391)
Prática regular	24	25	20
Prática nominal	47	57	46
Não praticante	29	18	34

Fonte: EVS (Atitudes Sociais dos Portugueses, 2008).

<sup>1</sup> Recorremos à classificação de Broughton e Hans-Martien Napel, eds. (2000) para classificar os «praticantes regulares» como os que assistem aos serviços religiosos pelos menos uma vez por semana; «praticantes nominais» como os que frequentam pelos menos uma vez por ano e como «não praticantes» os que nunca participam nos serviços religiosos.

Este comportamento religioso dos mais jovens, bem como a sua postura perante compromissos cívicos e sociais, como é o caso da prática de voluntariado e da pertença a associações, que fazem denotar um desinteresse pelo que é social e coletivo, leva-nos a considerar pertinente o estudo deste grupo específico da sociedade que, desvinculando-se das vivências e posturas que caracterizam a experiência dos jovens, decidem ingressar, ainda numa fase muito jovem, num percurso estruturado, constituído por um conjunto de normas de convivência e de trabalho individual exigente e num percurso que tem implícito a «privação» de alguns fatores sociais valorizados pela geração mais jovem.

## 2. Hipóteses de Trabalho

Apesar da ausência de estudos empíricos sobre os aspetos que motivam os jovens a optarem pela vida religiosa, podemos elencar um conjunto de fatores sociais que podem estar relacionados com as motivações que levam esses jovens a entrarem para o seminário católico. São fatores relacionados com os aspetos mais amplos da socialização religiosa.

### 2.1. O papel da família

No contexto da religião católica, a importância da família tem sido sistematicamente reforçada por meio de diversas orientações eclesiais, como é exemplo a exortação apostólica *Pastores Dabo Vobis* (nº 68), proferida por João Paulo II (1992), segundo a qual de entre os vários mediadores que assumem um papel importante no discernimento vocacional do jovem, destaca-se a *família*, que, não obstante as mudanças sociais que ocorreram no seu seio, foi e continua a ser o agente socializador de maior relevo na vida dos indivíduos, não à força de discursos ou de eleições para sortear a voz de comando, mas pela partilha de experiências e de acordo com o seu particular modo de vida.

Além de esta ser um dos principais agentes de socialização, os pais cristãos, como também os irmãos e irmãs e outros membros do núcleo familiar assumem um papel preponderante na compreensão e condução do jovem em direção ao seminário. Mesmo no caso de pais e familiares indiferentes ou contrários à opção vocacional, o confronto claro e sereno com as suas posições e os estímulos que daí derivam pode constituir uma preciosa ajuda, para que a vocação sacerdotal «amadureça» de modo consciente e decidido. A família, portanto, deve ser um elemento-chave na decisão de entrar no seminário.

## 2.2. O papel da paróquia

Em conexão com a família, está a *comunidade paroquial*, e ambas se interligam no plano de educação para realização da fé; muitas vezes a paróquia, com uma específica pastoral juvenil e vocacional, desempenha um papel de complemento ou até preponderância relativamente à família. Sobretudo enquanto realização local mais imediata do «mistério da Igreja», a paróquia oferece um contributo original e particularmente precioso para a formação do futuro sacerdote (*Pastores Dabo Vobis*, n° 68). Neste sentido, é de se esperar no discurso dos seminaristas que se entenda a paróquia como elemento importante na decisão da entrada para o seminário.

## 2.3. O Papel das associações religiosas

Também as *associações e movimentos juvenis* podem contribuir para a formação dos candidatos ao sacerdócio, em particular daqueles que procedem da experiência cristã. Os jovens que receberam a sua formação de base em tais movimentos referem-se a elas para a sua experiência de Igreja. Também para eles, este ambiente de origem pode continuar a ser fonte de ajuda e apoio na caminhada formativa para o sacerdócio.

## 2.4. O papel do seminário

A formação sacerdotal acontece no seminário, espaço de socialização religiosa e discernimento do seminarista sobre a lógica da vida na igreja, possibilitando que os formadores observem a sua maturidade, procurando verificar se ele apresenta «sinais vocacionais» para o sacerdócio.

O seminarista vive em comunidade, isto é, o seu percurso, embora pessoal, é feito com outros jovens que, tendo no horizonte o mesmo fim, procuram traçar caminhos similares. Daí que a própria comunidade é agente de discernimento e, por si só, lugar de formação e socialização para prática de atos de fé. A decisão vocacional torna-se, aqui, a questão fundamental. O candidato recebe formação abrangente que considera saberes teológicos, doutrinários e pastorais específicos para o futuro exercício do ministério presbiteral, que lhe permite receber os diferentes graus do sacramento da ordem: desde o ministério de leitor e acólito à própria ordenação sacerdotal.

Neste sentido, o seminário, mais do que um espaço físico, representa um espaço de socialização do mundo religioso onde as pessoas podem traçar um itinerário para o seu percurso de vida, uma vivência que fomenta um processo que, para além de ser formativo (*Normas fundamentais para a formação sacerdotal*,

nº 130), alimenta os objetivos doutrinários orientados para o que se acredita ser um processo formativo íntegro. Este mesmo princípio foi defendido pelo Concílio Vaticano II (*Optatam Totius*, 1965) e reafirmado pelo Sínodo (*Propositio*, 20) com estas palavras:

«A instituição do Seminário Maior como lugar ideal de formação deve certamente confirmar-se como espaço normal, mesmo material, de uma vida comunitária e hierárquica, mais, como casa própria para a formação dos candidatos ao sacerdócio, com superiores verdadeiramente consagrados a este serviço. Esta instituição deu muitíssimos frutos ao longo dos séculos e continua a dá-los em todo o mundo».

O seminário é, neste contexto, definido como uma *comunidade eclesial educativa*, uma particular comunidade educante e, como refere a encíclica proferida por João Paulo II (1992, *Pastores Dabo Vobis*, nº 61), é o fim específico a determinar-lhe a fisionomia, ou seja, o acompanhamento vocacional dos futuros sacerdotes, e portanto o discernimento da sua vocação, a ajuda para lhe corresponder e a preparação para receber o sacramento da Ordem com as graças e as responsabilidades próprias, e é habilitado e comprometido a partilhar a Sua missão de salvação na Igreja e no mundo. Neste sentido, e dada a sua função formadora e socializadora, é de se esperar que a referência ao seminário apareça no discurso dos jovens como elemento constitutivo de suas motivações para a vida sacerdotal.

## 2.5. O papel da vocação

Tem-se assistido, nos últimos tempos, a um fenómeno novo entre aqueles que respondem à vocação sacerdotal: por um lado, há os que ingressaram praticamente ainda adolescentes no processo formativo, situação mais comum até aos nossos tempos; por outro, há os que entram para o seminário mais amadurecidos, com qualificação profissional técnica ou universitária e até experiência de trabalho (*Central Office for Statistics of the Church*, 2011).

É neste contexto de mutação que a formação dos futuros sacerdotes, tanto diocesanos como religiosos, é considerada pela Igreja como uma das tarefas de maior delicadeza e importância para o futuro da missão sacerdotal.

Como se lê na Encíclica de João Paulo II (1992) sobre a formação dos sacerdotes:

«a Igreja sente-se chamada a reviver com um novo empenho, solicitada pelas profundas e rápidas transformações das sociedades e das culturas do nosso tempo, pela multiplicidade e diversidade dos contextos em que anuncia e



testemunha o Evangelho, pela urgência de uma nova constatação dos conteúdos e dos métodos da formação sacerdotal, pela preocupação dos Bispos e das suas comunidades com a persistente escassez de clero, pela absoluta necessidade de que a 'nova evangelização' tenha nos sacerdotes os seus primeiros 'novos evangelizadores' (nº 2)».

A crença na importância da vocação, neste contexto, define a essência da Igreja. No próprio nome da Igreja, *Ecclesia*, está indicada a sua íntima fisionomia vocacional, porque no contexto religioso ela é percebida como a «verdadeira convocação», *assembleia dos chamados*. Nesse contexto, as motivações da vocação sacerdotal podem assumir uma amplitude mais diferenciada do que nos fala a tradição. Enquanto que, no passado, a vocação, em muitas circunstâncias, era o resultado de um discernimento vocacional no seio familiar ou por influência direta do pároco. A decisão para o sacerdócio pode despontar, em grande medida, de vivências religiosas mais alargadas na cultura cristã. Frequentemente, esta decisão cresce e amadurece nas comunidades, especialmente nos movimentos eclesiais, que favorecem o que se acredita ser um encontro comunitário com Cristo e a sua Igreja. A decisão pode amadurecer também em encontros muito pessoais com a grandeza e as limitações do ser humano, nomeadamente em experiências de contato com o outro.

Com base na ideia de que os agentes de socialização e a vocação podem desempenhar um papel importante nos motivos que levam as pessoas a decidirem entrar para um seminário, realizamos um estudo no qual procuramos analisar os elementos e as dimensões subjacentes aos fundamentos da opção vocacional dos seminaristas portugueses, bem como as razões para a escolha de determinado seminário, de modo que nos fosse possível perceber o que move, nos tempos modernos, um jovem a entrar para o seminário apesar de estar inserido numa sociedade percebida como *light* (Lipovetsky, 2007), envolvida em filosofias de conforto, característica de estéticas pós-modernas (Maffesoli, 2003; Inglehart, 2000), em que se procura satisfazer ao máximo os prazeres do momento.

### 3. Método

#### 3.1. Participantes

Participaram neste estudo 43 seminaristas a frequentar os seminários maiores diocesanos de Portugal continental. A idade dos participantes varia de 18 a 44 anos ( $M = 24.33$ ,  $DP = 4.64$ ). Os anos de seminário variam de 1 a 6 anos ( $M = 3.62$ ,  $DP = 1.52$ ). Os participantes foram alocados em uma de duas situações:

foco pessoal; foco nos outros seminaristas. Especificamente, pedimos a metade dos participantes que respondessem às questões de modo a expressar as suas próprias opiniões e motivações. A outra metade dos participantes foi instruída a responder às questões de acordo com os que eles pensam que são as opiniões e motivações dos outros seminaristas. A colocação dessas duas situações foi importante para identificarmos se existe nesse contexto possíveis tendências para a evocação de motivações socialmente mais valorizadas quando as pessoas falam sobre si, do que quando falam sobre os motivos dos outros.

### **3.2. Instrumento**

O instrumento que usamos é um questionário contendo apenas duas questões. Na condição de «foco pessoal», a primeira questão pedia ao seminarista para indicar «três motivos que o levou a entrar para o seminário». A segunda questão pedia que indicasse «três motivos que o levou a entrar para este seminário». Na condição de «foco nos outros seminaristas», a primeira questão pedia que indicasse «três motivos que levam as pessoas a entrar para o seminário». Na segunda questão, cada seminarista indicou «três motivos que levam as pessoas a entrar para este seminário».

As respostas dos participantes a cada questão foram submetidas a uma análise de conteúdo por dois especialistas. Essa análise foi realizada em quatro fases. Na primeira fase, um dos especialistas listou as respostas obtidas e submeteu-as a um agrupamento inicial segundo a semelhança semântica entre as respostas. Na segunda fase, os agrupamentos foram categorizados de acordo com a sua semelhança temática no âmbito dos princípios teológicos e pastorais. Na terceira fase, o outro especialista repetiu independentemente a categorização realizada na segunda fase. Finalmente, as duas categorizações foram comparadas de modo que se obtivesse um conjunto de categorias que representam o consenso entre os dois especialistas.

### **3.3. Resultados**

#### **3.3.1. *Motivação para entrar no Seminário***

A Tabela 2 apresenta as categorias de motivos que segundo os participantes levam as pessoas a entrarem para o seminário. Como se pode verificar, os jovens seminaristas apresentam razões direcionadas para princípios de ordem teológica e pastoral, na medida em que referem que a entrada no seminário vai ao encontro da necessidade de se sentirem realizados pessoalmente e de responderem à sua vocação sacerdotal; por outro lado, porque concebem o

seminário como um espaço privilegiado para o discernimento vocacional e a forma como poderão servir a Igreja e a Deus; por último, apresentam motivos que se prendem com a sua vivência familiar e paroquial, na medida em que foi o exemplo do sacerdote ou a própria influência familiar que os conduziu ao caminho do seminário.

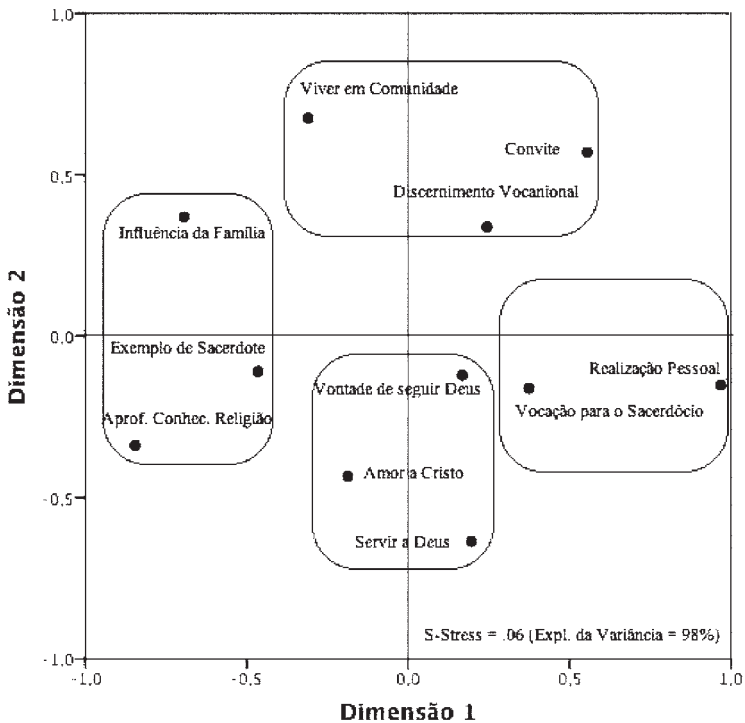
**Tabela 2. Percentagem de seminarista que referiram cada categoria de motivos de entrada no seminário**

<i>Categorias de motivos</i>	<i>Próprio</i>	<i>Outras Pessoas</i>	<i>Geral</i>
Vontade de Deus	48	45	47
Vocação Sacerdotal	48	50	44
Discernimento Vocacional	24	41	44
Serviço	33	27	30
Amor a Cristo	29	23	26
Exemplo de Sacerdote	14	27	21
Convite	5	27	16
Realização Pessoal	10	18	14
Viver em Comunidade	19	9	14
Influência Familiar	10	14	12
Aprofundar Conhecimento da Religião	19	5	12

Com o objetivo de realizar uma análise mais sistemática das relações entre as categorias elencadas pelos seminaristas, submetemos as motivações evocadas a um *escalonamento multidimensional não paramétrico* e a uma *análise de Cluster* para dados qualitativos (Pereira, 1999). Os resultados apresentados na Figura 1 indicam que as motivações expostas podem ser organizadas em torno de duas dimensões. A dimensão 1 diferencia motivações vocacionais (realização pessoal e vocação sacerdotal) dos motivos de influência social (influência familiar, exemplo de um sacerdote e aprofundar conhecimento religioso). A dimensão 2 diferencia as motivações para servir a igreja (viver em comunidade, convite e discernimento vocacional) das motivações para servir a Deus (vontade servir a Deus, amor a Cristo e serviço). Se na primeira dimensão os seminaristas apresentam razões que destacam o valor da *motivação vocacional* e da influência do *meio social*, na segunda referem o valor do *serviço à Igreja* e à *doutrina cristã* como outra dimensão explicativa da sua opção vocacional. No primeiro caso, as razões invocadas destacam a *fonte de motivação* como dimensão essencial à opção de entrada no seminário, no segundo, a *fonte de serviço* como a dimensão que os motiva a querer servir a

Igreja e a Deus como princípio orientador da sua opção pela vida sacerdotal. Destas duas dimensões há aspetos a realçar. Os dados apresentados corroboram a ideia de que há um lugar relevante dos mediadores no momento da opção do seminarista, pois eles, enquanto elementos de vivência social, contribuíram para o seu percurso vocacional, de um modo especial, destaca-se a família e o pároco.

**Figura 1. Organização bidimensional dos motivos que levam as pessoas a entrar no seminário**

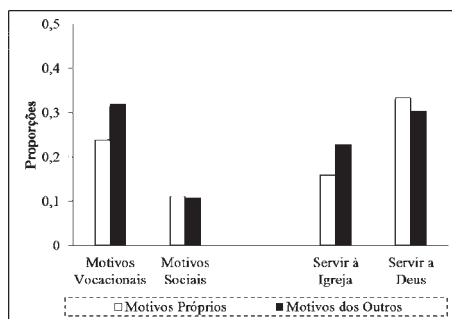


A Figura 2 apresenta a força da evocação de cada motivação em função das duas condições de resposta ao questionário (motivos pessoais vs. motivos dos outros). Comparamos as proporções médias das quatro motivações por meio de uma Análise de Variância interagindo as duas condições de respostas ao inquérito (motivos próprios vs. motivos dos outros) com as quatro motivações (vocacionais vs. sociais vs. servir à igreja vs. servir a Deus). Os resultados

mostraram diferenças significativa nas motivações evocadas<sup>2</sup>, de modo que os seminaristas evocaram mais frequentemente motivos vocacionais ( $M = .28$ ;  $DP = .35$ ) e a motivação para servir a Deus ( $M = .32$ ;  $DP = .28$ ) do que motivos de influência social ( $M = .11$ ;  $DP = .19$ ) e vontade de servir a igreja ( $M = .19$ ;  $DP = .25$ )<sup>3</sup>. Os seminaristas evocaram na mesma intensidade os motivos de ordem vocacional e a motivação para servir a Deus, assim como os motivos de influência social e a motivação para servir a igreja. Estas dimensões representam, em alguma medida, o elenco de fatores sociais que colocámos, como possíveis hipóteses, organizadores do discurso dos seminaristas sobre as suas motivações para entrarem para o seminário.

A influência das condições de resposta ao questionário e a interação entre essas condições e as dimensões da motivação não foram significativas<sup>4</sup>, o que manifesta que o foco das motivações não influenciou as respostas dos seminaristas. Isto é, não se verificou diferenças significativas nas motivações evocadas quando questionados os motivos pessoais e os motivos dos outros.

**Figura 2. Motivos que levam as pessoas a entrar para o seminário em função das condições de respostas do questionário**



### 3.2.2. Motivos para entrar um seminário específico

Para além da vontade de responder à sua vocação, a opção por um determinado seminário é também parte integrante da preparação do percurso de

<sup>2</sup>  $F(3, 39) = 5.20, p < .01, \eta^2 = .29$ .

<sup>3</sup> Essas diferenças são estatisticamente significativas de acordo com *Least Significant Difference test* (LSD a  $p < .05$ ).

<sup>4</sup>  $F_{\text{Condições}}(1, 41) = 1.68, ns.; F_{\text{Condições} \times \text{Motivações}}(1, 39) = 0.30, ns.$

formação até ao sacerdócio, temática trabalhada na segunda questão que colocamos aos seminaristas. Neste sentido, quando questionados sobre os motivos que os levaram a escolher o seminário em que se encontram, deparamo-nos com uma parte representativa dos seminaristas a justificarem a sua opção pelo facto de pretenderem obter formação num seminário diocesano (Tabela 3), já que a sua vocação se direciona para servir a comunidade cristã de um modo muito específico. Se tivermos em conta que a visão e ação do seminário diocesano mudou consideravelmente na sua história, compreendemos que continuem a prevalecer no presente controvérsos encantos pela vida sacerdotal. Na verdade, tradicionalmente o sacerdote era compreendido como aquele a quem era exigido que cumprisse obrigações essencialmente teológicas, era visto como o «padre cultural»<sup>5</sup>, que na sua atividade eclesial celebrava a Eucaristia, rezava a Liturgia das Horas e estava à disposição dos paroquianos para os atos religiosos que fossem necessários (batizados, casamentos, funerais). Sem dúvida foi uma ação importante que marcou o seu tempo, na medida em que doutrinou os paroquianos, mas, por outro lado, e olhando de uma perspetiva atual, também se conotou como uma Igreja mais fechada e pouco dialogante com o exterior e, por vezes, menos tolerante. O modelo do Vaticano II introduziu mudanças significativas no interior da Igreja, permitindo a possibilidade de abertura ao exterior, realçando a sua vertente missionária e direcionando o seu foco às pessoas nas suas vivências e circunstâncias na própria sociedade. Compreendemos, assim, que no primeiro modelo, a Igreja se limitasse a receber no Seminário jovens que sentissem um apelo vocacional muito específico, direcionado para uma vocação essencialmente teológica; no segundo, encontramos a promoção da pastoral vocacional, que se aproxima das pessoas, procura captar a sua simpatia, enfatiza a importância da fé e do serviço à comunidade e tenta interpelá-las para o serviço à sociedade segundo aspetos teológicos da tradição católica (Linda, 2009).

---

<sup>5</sup> Esta expressão é utilizada pelo Reitor do Seminário de Cleveland, em Ohio, Estados Unidos da América (Cozzens, 2003: 25).

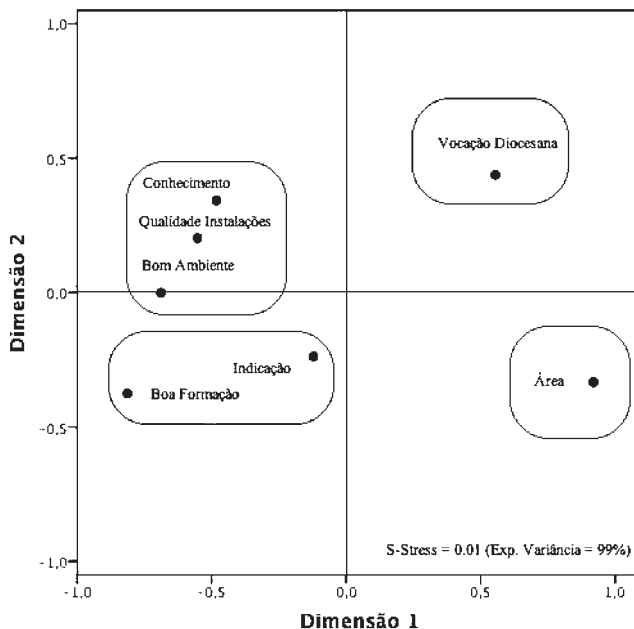
**Tabela 3. Percentagens de seminaristas que referiram cada categoria de motivos da escolha do seminário onde estão a realizar os estudos**

<i>Categorias- de motivos</i>	<i>Próprio</i>	<i>Outras Pessoas</i>	<i>Geral</i>
Área	86	50	67
Vocação Diocesana	62	41	51
Boa Formação	29	41	35
Indicação	38	18	28
Bom Ambiente	05	14	09
Qualidade Instalações	0	14	07
Conhecido antes Entrar	14	0	07

Paralelamente a esse motivo, os seminaristas apresentam outros que justificam a sua opção pelo seminário em que se encontram, nomeadamente, o facto desse seminário se situar na sua *área residencial*, de apresentar *instalações com qualidade* e um *ambiente agradável*. Num outro conjunto de razões, encontramos motivos que se prendem com aspetos mais particulares, tanto relacionados com a *qualidade da formação* ministrada no seminário, como pelo facto deste ter sido *aconselhado* como apropriado para o percurso a que o seminarista se propõe.

Também analisamos as dimensões organizadoras das categorias de motivos por meio de uma análise multidimensional não-métrica e de uma análise de *clusters* para dados qualitativos. Os resultados apresentados na Figura 3 revelam que as motivações para a escolha do seminário podem ser organizada em duas dimensões. A dimensão 1 distingue a importância da área da diocese (área onde o seminário está situado) dos motivos relacionados com a qualidade do ambiente de estudos (bom ambiente, conhecido antes de entrar e qualidade das instalações). Esta primeira dimensão representa os requisitos estruturais que motivam a escolha do seminário. A segunda dimensão diferencia as motivações vocacionais (vocação diocesana do seminário) dos motivos relacionados com a qualidade da formação (boa formação e indicação). Essa dimensão representa os requisitos teológicos-pedagógicos dos motivos da escolha do seminário.

**Figura 3. Organização bidimensional dos motivos que levam os seminaristas a escolher um seminário específico.**



A Figura 4 apresenta as motivações para a escolha do seminário em função das duas condições de resposta ao questionário. Os resultados da ANOVA interagindo com as condições de resposta (motivos próprios vs. motivos dos outros) e com as quatro motivações (área do seminário vs. qualidade do ambiente vs. vocação diocesana vs. qualidade da formação) revelam diferenças significativas na evocação das motivações<sup>6</sup>. As comparações múltiplas indicam que a localização do seminário é a principal fonte da escolha do seminário, diferenciando-se dos outros três motivos. Em segundo lugar aparece a vocação diocesana. Em terceiro lugar aparece a qualidade da formação e, por fim, a qualidade do ambiente aparece como o motivo menos importante para a escolha do seminário<sup>7</sup>. Igualmente importante é o facto de essas diferenças serem qualificadas por uma interação marginalmente significativa entre as motivações e as condições

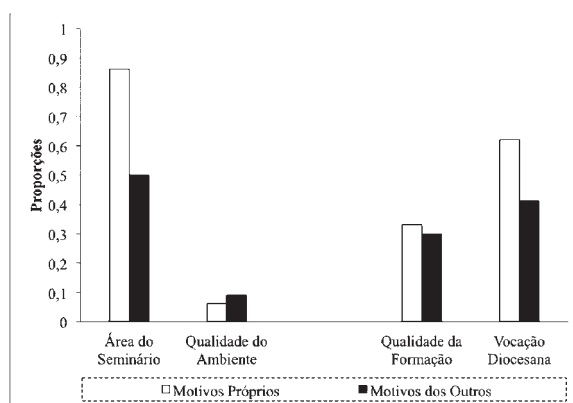
<sup>6</sup>  $F(3, 39) = 29.37, p < .001, \eta^2 = .69$ .

<sup>7</sup> As diferenças são estatisticamente significativas com base no LSD a  $p < .05$ .



de respostas ao questionário<sup>8</sup>. A comparação entre as condições revelam que o foco das respostas ao questionário influenciou apenas a evocação de motivos relacionados com a área do seminário. Isto é, estes motivos foram mais referidos quando os seminaristas foram instruídos para relatar os seus próprios motivos do que quando relataram os motivos dos outros seminaristas<sup>9</sup>. As outras diferenças não são significativas.

**Figura 4. Motivos que levam os seminaristas a escolher um seminário específico em função das condições de respostas do questionário.**



#### 4. Discussão

Neste estudo analisamos os motivos que levam os seminaristas a entrarem para o seminário. Levantamos um conjunto de hipóteses de trabalho, segundo as quais o discurso dos seminaristas poderia refletir fatores clássicos do processo de socialização subjacente às escolhas de um percurso de vida, nomeadamente a importância da família e de agentes de socialização religiosa, como são exemplos a inserção na comunidade paroquial e no seminário, assim como elementos mais subjetivos relacionados à ideia de vocação sacerdotal, expressa na evocação da vontade de Deus ou no desejo de o servir como principais motivos para entrarem para o seminário. A análise também mostrou que os motivos relacionados com a vocação

<sup>8</sup>  $F(3, 39) = 2.28, p < .10, \eta^2 = .15$ .

<sup>9</sup>  $F(1, 39) = 6.96, p < .05, \eta^2 = .15$ .

sacerdotal e a vontade de servir a Deus e a Igreja aparecem com mais frequência no discurso dos seminaristas do que motivações mais sociais, como a influência da família ou de outros significativos, como o exemplo de outros sacerdotes.

A importância maior atribuída à vocação e à vontade de servir a Deus pode refletir a socialização religiosa dos seminaristas, que não é mais do que o resultado dos seus contextos vivenciais desde a sua infância. No contexto da formação religiosa católica é destacado que nos dias de hoje os jovens experienciam um conflito entre a vida como projeto pessoal e a vida como vocação. A vida como projeto pessoal coloca o acento na liberdade da pessoa para fazer o que lhe apraz e a vida como vocação coloca a pessoa diante do «mistério de um chamamento». Daí surge o desafio de harmonizar e relacionar o projeto pessoal com a vocação. No caso específico de um jovem seminarista, o desafio passa pela capacidade de conciliar o seu projeto pessoal com o desejo de seguir a Deus. Ou seja, se tivermos em consideração que a vocação, no seu sentido mais lato, representa a vontade do sujeito querer encontrar a sua identidade, compreendemos que o desafio a que se propõe um seminarista não é mais do que responder ao sentido da sua vocação, que se identifica com o serviço a Deus e que está em linha com a natureza da formação que é ministrada em ordem ao sacerdócio. Esta possibilidade, por sua vez, pode conduzir à internalização dos valores praticados, facto que também ganha expressão no discurso dos seminaristas, uma vez que modelam a sua vontade criando hábitos que asseguram, quanto possível, a equação entre o que se crê e o que se vive.

Os jovens de hoje são portadores de ideais que se inscrevem na história e na memória do homem, nomeadamente quando expressam a avidez de liberdade, o reconhecimento do valor incomensurável da pessoa, a necessidade da autenticidade e da transparência, a procura por um mundo mais justo, solidário e unido, mais aberto e dialogante, e nem sempre encontram no seu percurso de vida formas de conciliar a crença nestes ideais com a sua prática. A opção pela vocação sacerdotal é para muitos jovens o caminho escolhido para responder a esses ideais, na medida em que o percurso de formação humana e espiritual que encontram no seminário está intrinsecamente relacionada com os ideais que os jovens anunciam nos tempos modernos, na medida em que respondem ao desejo de encontrar a sua própria identidade, o seu espaço de liberdade e de viver convictamente aquilo em que acreditam.

Em relação aos motivos para entrarem para um seminário específico, a análise revelou que estes são menos diversificados do que os motivos gerais que orientam a decisão dos inquiridos para seguirem a vida sacerdotal. Como se pode depreender do conjunto de motivos analisados, os seminaristas invocam diferentes razões para justificar a escolha do seminário em que se encontram. Recorrendo às análises acima referidas, essas razões agrupam-se em duas dimensões: por um lado, apresentam razões que se prendem com *requisitos estruturais*, relacionados com motivos mais organizacionais

do seminário, como são a sua localização, o bom ambiente e a qualidade das instalações, e, por outro lado, *requisitos teológico-pedagógicos*, que se referem à expectativa de um sólida formação tutelada e ao testemunho vivencial que recebem. Notamos claramente a importância de um fator objetivo na sua decisão: a localização do seminário.

A opção por um seminário em concreto não é uma questão de foro intimista e que merece espaços de reflexão por parte do jovem, na medida em que se relaciona com aspetos extrínsecos à opção pela vida sacerdotal. Não obstante esta percepção, a escolha do seminário não deixa de ser um passo importante para o percurso que um jovem seminarista pretende trilhar. De facto, a opção por um determinado seminário segundo a sua localização vai ao encontro de algumas questões já analisadas neste estudo. O ambiente sociocultural em que o seminarista esteve inserido antes de decidir ingressar no seminário foi determinante para a decisão do mesmo: desde a família, ao pároco e aos amigos. Neste sentido, a opção por um seminário da sua diocese não é mais do que o desejo de dar continuidade a essas redes humanas, pela segurança emocional que lhes estão implícitas e pela importância que as mesmas assumem nos motivos encontrados pelo seminarista para concretizar a sua vocação.

Para além da escolha do seminário pela sua localização, não é de estranhar que se apresente a qualidade da formação como um motivo também ele forte de opção por um determinado seminário, pois nos seminários diocesanos estão orientados para uma formação que privilegia uma perspectiva mais humana, espiritual e teológica. Paralelamente a esta, tenta-se responder a outras necessidades formativas, nomeadamente procurando proporcionar práticas pedagógicas onde o futuro sacerdote irá desempenhar o seu ministério. Sendo que, atualmente, os seminários procuram inserir os alunos, a pouco-e-pouco, em algum setor da pastoral, de modo a que vivenciem os contextos reais onde irão pôr em prática a sua vocação (Linda, 2009).

A opção de escolher o seminário pela qualidade de formação que oferece não é díspar do que alguns estudiosos têm apresentado relativamente a esta temática. Se tivermos em conta as disposições oficiais para a formação sacerdotal que estão contidas na encíclica proferida por João Paulo II (1992), deparamos com a apresentação de alguns dos propósitos da experiência educativa realizada no seminário. Para além de outros, refere o objetivo de proporcionar uma intensa vida comunitária e fraterna, aberta ao mundo; desenvolver a maturidade e responsabilidade pessoal, obediência e disponibilidade às exigências do Evangelho e às autoridades da Igreja; cultivar a vida de oração, a liturgia, o compromisso pastoral; preparar para as tarefas pastorais futuras; oferecer formação intelectual; promover uma entrega total e sincera à vocação sacerdotal.

Como se compreende, o percurso de vida seguido pelo jovem é exigente e implica que este, quando opta por entrar para um seminário, tenha consciência que esta opção significa uma rutura com a sua vida anterior, que, para além de

outros aspetos, passa pelas mudanças no modo de viver, no horário diário, no estilo de vida e dos hábitos, no ritmo de estudo. O seminarista, de certa forma, abandona a vida anterior e, por isso, a escolha do seminário ocupa uma importância significativa no processo de formação vocacional a que se propôs, quer pela qualidade de formação que venha a receber e que o levará a amadurecer a sua vocação, quer pela sua localização, de modo a possibilitar a manutenção de alguns vínculos relacionais com a sua vida anterior à entrada no seminário.

## Bibliografia

- ATTITUDES SOCIAIS DOS PORTUGUESES (2008). *European Value Study: Base de Dados*. Lisboa: Instituto de Ciências Sociais.
- BARRETO, A. (2005). Mudança Social em Portugal, 1960 – 2000. In António Costa Pinto (Eds.), *Portugal Contemporâneo* (pp. 137-162). Lisboa: Publicações Dom Quixote.
- BENELLI, S. J. (2008). A formação do Clero Católico em análise. *Estudos de Psicologia*, 13, 3, pp. 203-211
- BENELLI, S. J. (2010). Percurso institucional do seminarista diocesano rumo ao sacerdócio. *Revista de Psicologia da UNESP*, 9 (2), pp. 1-17.
- BINDÉ, J. (2004). *Para onde vão os valores?* UNESCO: Instituto Piaget
- BORJA, J. e CASTELLS, M. (1997). *Local y global*. Madrid: Taurus.
- BOURDON, S. (2009). Relaciones sociales y trayectorias biográficas: hacia un enfoque comprensivo de los modos de influencia. *Redes. Revista Hispana para el Análisis de Redes Sociales*, 16, 6, pp. 159-177.
- BROUGHTON y HANS-MARTIEN N. (2000). *Religion and Mass Electoral Behaviour in Europe*. London: Routledge.
- CABRAL, M. V. e PAIS, J. M. (1998). *Jovens portuguesas de hoje*. Oeiras: Celta Editora.
- CALDWELL, G.; STIEHR, K.; MODELL, J. e DEL CAMPO, S. (1995). Tres niveles de baja fecundidad. In Langlois, S. e Del Campo, S. (Org.), *¿Convergencia o divergencia?* Bilbao: Fundación BBV.
- CENTRAL OFFICE FOR STATISTICS OF THE CHURCH (2011). *Annuarium Statisticum Ecclesiae*. Vaticano: Vatican Publishing House.
- CHARBONNEAU, J. (2005). La question des temporalités dans l'analyse du social. In Daniel Mercure (Org.), *L'analyse du social* (169-182). Québec: Presses de l'Université Laval.
- CONCÍLIO VATICANO II (1965). Decreto sobre a formação sacerdotal. *Optatam totius* (28 de Outubro).
- CONFERÊNCIA EPISCOPAL PORTUGUESA (1992). *Normas fundamentais para a formação sacerdotal nas dioceses portuguesas e plano de estudos para o seminário maior*. Lisboa: Secretariado Geral do Episcopado.
- DEAUX, K. (2001). *Encyclopedia of women and gender*. New York: Academic Press.
- DOLFMSA, W. (1999). «The consumption of music and the expression of values: an social economic explanation for the advent of Pop Music». *American Journal of Economics and Sociology*, 58(4), 1019-1046.
- DUBAR, C. (2002). *La crisis de las identidades. La interpretación de una mutación*. Barcelona: Bel-laterra.

- DUQUE, E. (2014). *Mudanças culturais, mudanças religiosas. Perfis e tendências da religiosidade em Portugal numa perspetiva comparada*. Col. «Debater o Social», nº 29. V.N. Famalicão: Humus.
- ELDER, G. H. (1998). The Life Course as Developmental Theory. *Child Development*, 69(1), 1-12.
- ELLEMERS, N., SPEARS, R. e DOOSJE, B. (2002). Self and social identity. *Annual Review of Psychology*, 53, 161-186.
- ELSTER, J. (1997). *Ergonomics*. Barcelona: Gedisa.
- EUROBARÓMETRO (2009). *European social reality* (Standard Eurobarometer N° 72): European Commission.
- GALLAND, O. (1991). *Sociologie de la jeunesse*. Paris: Armand Colin.
- GALLAND, O. (2003). Adolescence, post-adolescence, youth. *Révue Française de Sociologie*, 44 (5), 163-188.
- GIDDENS, A. (1992). *As Consequências da Modernidade*. Oeiras: Celta.
- GIDDENS, A. (2000). *Modernidad e identidad del yo: el yo y la sociedad en la época contemporánea*. Barcelona: Península
- GIL CALVO, E. (2001). *Identities complejas y cambio biográfico*. In AA.VV. *Estructura y cambio social. Libro homenaje a Salustiano del Campo* (pp. 151-158). Madrid: CIS.
- INGLEHART, R. (2000). Globalization and postmodern values. *The Washington Quarterly*, 23, 215-228.
- JOÃO PAULO II (1992). Exortação apostólica pós-sinodal. *Pastores Dabo Vobis* (25 de Março de 1992).
- LINDA, M. (2009). O Papel dos Presbitérios na Pastoral Vocacional. *Cenáculo*, 191, 9-20.
- LIPOVETSKY, G. (2007). *A Felicidade Paradoxal – Ensaio sobre a Sociedade do Hiperconsumo*. Lisboa: Edições 70.
- MAFFESOLI, M. (2003). *Notes sur la postmodernité – Le lieu fait lien*. Paris: Éditions du Félin.
- NOUWEN, H. J. M. (2001). *Intimidade: ensaios de psicologia pastoral*. São Paulo: Loyola.
- PAIS, J. M. (1990). A construção sociológica da juventude: alguns contributos. *Análise Social*, 105-106, 139-165.
- PAIS, J. M. (2001). *Ganchos, tachos e biscoitos: Trabalho e futuro*. Porto: Âmbar.
- PEREIRA, J. C. R. (1999). *Análise de dados qualitativos: Estratégias metodológicas para as ciências da saúde, humanas e sociais*. São Paulo: Edusp.
- PINTO, A. C. (2005). *Portugal Contemporâneo*. Lisboa: D. Quixote.
- WAGNER, P. (2001). *Theorizing modernity: inescapability and attainability in social theory*. London: Sage.
- WALLACE, C. e KOVATCHEVA, S. (1998). *Youth in society: the construction and deconstruction of youth in East and West Europe*. New York: St. Martin's Press.